

Impresso
na
Câmara Legislativa
do Distrito Federal

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de
Raquel
de Queiroz

Raymond Sayers

um brazilianist

Atualmente, tendo já ultrapassado os 82 anos de idade, costumo lançar um olhar para o meu passado, procurando entender, com clareza, o que nele realizei de modo positivo, e também reconhecer o que falhou, por falta de lucidez pessoal e da ausência de apoio social. Temos a crença de que de uma temporada bélica só resulta uma visão de destroços, mas não é bem assim.

A Segunda Grande Guerra do século passado levou o governo americano a fundar um benéfico movimento cultural de "boa vizinhança", de múltiplas atividades. A distribuição de bolsas de estudos, no Brasil,



para jovens bem-dotados, foi uma ação de filantropia, oriunda dessa época. Tive, então, a felicidade de ganhar uma bolsa para ir aos Estados Unidos estudar a cultura norte-americana, na Miami University, em Oxford (Ohio), durante um ano. Não me limitei a seguir os cursos da Universidade (alguns desses cursos eram excelentes). Procurei estar presente nos eventos culturais, em que encontrava escritores americanos de alto valor. Algumas vezes, esses intelectuais eram interessados na cultura brasileira.

Foi aí, então, que tive a boa sorte de conhecer o prof. Raymond Sayers, que já tinha passado uma temporada no Rio de Janeiro e, de novo em sua pátria, cooperava, com muito ardor, no intercâmbio cultural que ligava o Brasil e os Estados Unidos. Raymond Sayers era um homem simples, modesto, discreto e laborioso. Convivia agradavelmente com estudantes estrangeiros e também com os intelectuais negros de Nova York. A todos gostava de ajudar. Creio que foi ele que me garantiu o convite da New York University para ir até lá lecionar Literatura Brasileira. Meu apego ao Brasil e à cultura brasileira é que me levaram, depois de três anos de exercício das letras brasileiras na prestigiosa instituição, a voltar para o Brasil. Mas minha amizade a esse professor e beletrista durou até a sua morte.

Há dias, mexendo nos meus livros, deparei com uma obra literária de Raymond Sayers: *Onze estudos de literatura brasileira*. Resolvi logo relê-la, o que fiz com muito prazer. O volume foi lançado em 1983, pela editora

Civilização Brasileira, em convênio com o Instituto Nacional do Livro e a Fundação Nacional Pró-Memória. O livro começa com um excelente ensaio sobre o universo poético de Cecília Meireles e finda com uma exposição ampla sobre a literatura brasileira no Portugal oitocentista: os críticos, os jornais, as revistas. Esse volume prova que Raymond Sayers não era apenas um entusiasta da vida literária, mas, antes de tudo, um erudito.

O escritor americano não só analisa alguns dos nossos principais escritores mas também evidencia o seu interesse pelas relações raciais na literatura brasileira. Sayers valoriza basicamente o coletivo nos seus artigos mas os seus melhores ensaios – os mais finos e penetrantes – tratam dos seguintes autores: Cruz e Sousa, Castro Alves e, especialmente, Machado de Assis. No estudo “Machado de Assis e seu Otelo brasileiro”, em que compara o personagem de Shakespeare ao marido de Capitu do romance *Dom Casmurro*, obtemos a originalidade e a perspicácia do analista. Embora evidencie Sayers uma valorização dos movimentos literários e suas ideologias, isto não quer dizer que ele negligencie o exame do comportamento das figuras humanas que vemos nos romances que estuda.

O assunto racial é sempre apresentado por Sayers com critério e simpatia. É realmente uma pena que Raymond Sayers não tenha sido mais conhecido, mais divulgado, no nosso país. De qualquer modo, ele mostrou as suas qualidades de artista. Lamentavelmente, com o desaparecimento da política que sustentava o intercâmbio cultural do Brasil com os Estados Unidos, os “brazilianistas” não vêm mais ao Brasil.

